

Contra o fantasma dos nossos dias

Joaquim Roriz (PMDB) lidera a corrida sucessória três anos depois de ver seu candidato, o senador Valmir Campelo (PTB), ser derrotado por Cristovam Buarque (PT). De lá para cá, muita coisa mudou. Mas, ao menos por enquanto, a opção do seu eleitorado baseia-se não no futuro, e sim no passado.

Hoje, Campelo não quer saber de urnas. Aguarda, para breve, a hora de assumir um cargo de ministro do Tribunal de Contas da União. José Roberto Arruda deixou o palanque rorizista, virou tucano e fundou a própria opção, respaldado pela visibilidade do cargo de líder do governo federal no Congresso. Antes juntos, Augusto Carvalho e Cristovam Buarque consomem um mesmo eleitorado.

Em três anos de governo, o grande adversário político do PT foi um deputado que se elegeu com discurso ameno, Luiz Estevão (PMDB). Na campanha, estava mais preocupado em ocupar seu tempo na tevê

com projetos do que com ataques. Eleito, tornou-se a face mais ferrenha da oposição.

Nesse tempo, Estevão foi à batalha. Roriz, a uma espécie de limbo político. Enquanto os deputados distritais do seu partido seguem atacando o governo na Câmara e nas bases, o ex-governador, ressurge com um sorriso na face e a promessa de domar o fantasma dos nossos dias: o desemprego.

No Plano Piloto, a rejeição a Roriz é grande. Como antes, sua grande reserva eleitoral está nas cidades anteriormente chamadas de assentamentos. Esses locais receberam pesados investimentos em infra-estrutura no atual governo, mas continuam pobres, carentes de uma utopia.

Ainda não há programas de governo em discussão. O que há são promessas de uma vida melhor. É um cenário perfeito para o eleitorado que mais adere ao rorizismo. Com o desenrolar da campanha, Roriz terá a oportunidade de ampliar seu domínio. Se não o fizer, estará repetindo o erro de Campelo. (RM)